

Martim

“Sweet Portugal I”

10.06.2025-28.06.2025



Martim, Funchal

Martim (Funchal) é artista plástico, cresceu em Coimbra e tem o seu atelier n' A Base - Escola de Arte, em Lisboa. Trabalhou em Inglaterra e no Brasil, onde cofundou a plataforma interdisciplinar MADAME TEATRO. Possui um Mestrado em Pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, possuindo também uma Pós-graduação em Creating Theatre and Performance pela London International School of Performing Arts, e uma Licenciatura em Engenharia Mecânica pela Universidade de Coimbra.

Recentemente foi galardoado no concurso-Prémio Millenium BCP 2023, Carpe Diem, com o prémio Residência anual no espaço A Base. Destaque para a sua recente exposição individual “The Bedroom Series” na galeria Plato em Évora, com curadoria de Mariana Baião Santos, a instalação pública “Chave” no festival Enseada, no Funchal, com curadoria de Rodrigo Costa; a exposição Individual “Vagalumes no deserto”, com curadoria de Diego Bragà, no Espaço das Mercês, Lisboa; na coletiva “O sal que não salga”, Pescada Nº5, em Coimbra; participação no Festival Fractal 2022; na Coletiva: ‘MY WITNESS IS THE EMPTY SKY’, curadoria Diogo Ramalho, Galeria Plato, Évora; na Individual “Paraísos Urbanos”, Fábrica Braço de Prata, Lisboa + Casa da Esquina, Coimbra; na Coletiva: XX Bienal Internacional de Arte de Cerveira, entre outras participações.

A sua pesquisa pictórica é influenciada por uma busca pessoal pelos temas da Paisagem Vs Identidade através da pintura e da cerâmica, aplicada também na criação de espaços cénicos.

“Sweet Portugal I”

Muito antes do Brasil ser consagrado como território do “ouro branco”, foi uma das encostas da Ilha da Madeira, no século XV, que Portugal ensaiou os primeiros mecanismos do que viria a ser o seu vasto projeto colonial. A cana-de-açúcar, domesticada num sistema de extração violenta, inscreveu-se não só na terra e nos corpos, mas também nas formas de narrar, e de esquecer.

Em “Sweet Portugal I”, Martím reencena o gesto da escuta como forma de insurgência. A exposição parte da Ilha da Madeira, frequentemente emoldurada como destino turístico idílico, para confrontar o silêncio histórico que ainda molda o imaginário heróico português. Madeira, antes de ser paisagem de descanso e cartão-postal, foi um laboratório de arquitetura imperial que combinava monocultura, escravização e epistemicídio.

Com uma pesquisa e prática que articula pintura, cerâmica e instalação, Martím escava a superfície doce do açúcar para revelar aquilo que esta tenta seconder: o pacto colonial sobre o qual se erguem tanto o passado como o presente. Nas suas obras, o pão de açúcar, símbolo de pureza e prosperidade, transmuta-se em prova de crime e denúncia. Longe de reproduzir um exotismo nostálgico, o artista insular recusa as estéticas do apagamento. O seu gesto é persistente: regressa anualmente ao Funchal, escutando silêncios, colhendo resíduos, arquivo, metabolizando a história em matéria. Os trabalhos emergem como peles porosas- brancas que nunca são bem brancas.

Ao entrelaçar memória íntima e crítica estrutural, Martím, enquanto Português, procura responder às provocações de Grada Kilomba: “Quem tem o direito de narrar?”; “Receia-se que, se o sujeito colonial falar, o colonizador terá que ouvir”. Aqui, narrar é reparar. É destabilizar-se. A sua prática opera como uma arqueologia crítica da colonialidade, reativando a ilha como um arquivo vivo. Em vez de celebrar a epopeia dos “Descobrimentos”, convoca o Espectador a habitar um desconforto de assumido humor ácido: entre império e arquivo, planta e corpo, doçura e dor.

“Sweet Portugal I”

Martim propõe assim uma provocação visual onde convoca um diálogo com obras como: “Memórias da plantação” (2008) de Grada Kilomba; “A Primeira Missa no Brasil” (1993) de Paula Rego; “Paredes com Incisões à la Fontana”(2000) de Adriana Varejão; e o mural escultórico “History Mexico”(1936) de Isamu Noguchi.

Em “Sweet Portugal I”, a sua estética é friccional e encarnada. Contra a arqueologia branca de um passado a ser domesticado- ao Estilo “Indiana Jones”- Martim propõe uma contra-ideologia: uma escavação insubmissa do “ouro branco”. Assume o humor como ferramenta política de conexão, desconstrução e atração ao olhar para a história do seu país em particular para a ilha onde nasceu. As suas obras não oferecem respostas, mas abrem fendas- espaços de escuta, desconforto e revisão crítica. Qual o papel do artista europeu perante a consciência da máquina colonial? Qual o papel do artista português perante a “descoberta” global do olhar, pensamento e da ação decolonial?

O açúcar, aqui, é o corpo da história.

Diego Bragà (Ela/Elu)









